

D. Pedro, O Músico

Prof. Sebastião Amoêdo

Dom Pedro de Alcântara de Bragança e Bourbon, conhecido como primeiro do Brasil e quarto de Portugal era português de nascimento e chegou ao Brasil ainda criança e aqui deixou uma marca inesquecível em nossa história.

Podemos afirmar que o Pedro de duas pátrias inaugurou a grande fraternidade luso brasileira que até hoje vigora entre nossos povos.

Portador de vícios e virtudes acentuadas seu comportamento poderia ser diagnosticado na atualidade como de hiperatividade.

A despeito de ser considerado pouco dedicado aos estudos, porque ainda criança era ele que decidia o que fazer, lia em vários idiomas, incluindo latim, francês, inglês e alemão. Apreciava as artes e era exímio musicista, com domínio do clarinete, do fagote e do violoncelo.

Compôs melodias patrióticas, tais como o Hino da Independência do Brasil e o Constitucional de Portugal, além de várias peças sacras.

Sua aprimorada instrução musical, foi o resultado comum de uma cultura corrente desde os tempos de saúde mental de Da Maria I, sua avó.

A Família Real, assim que chegou ao Brasil, encontrou com grande surpresa uma qualificada orquestra e cantores da Real Fazenda de Santa Cruz. O Te Deum, composto pelo orador e regente musical de altíssima produção e refinada qualidade, Padre José Mauricio Nunes Garcia surpreendeu D. João VI, por que nada deixa a desejar em comparação com as melhores obras europeias da época.

D. Pedro, ainda menino, pode assim desfrutar sua instrução musical entre folgedos pueris na Real Fazenda de Santa Cruz, onde atuavam os já famosos músicos negros escravos.

Pela tradição da Escola de Música da Real Fazenda a criança era iniciada no canto a partir dos 4 anos de idade, seguindo depois para o aprendizado de algum instrumento. Isso oportunizou a D. Pedro aprender a tocar instrumentos de corda e sopro (1) e a cantar (2), não lhe faltando a teoria musical, o que propiciou uma fartura documental sobre sua apreciada obra de compositor, ainda que não devidamente popularizada.

Mas, a despeito de sua intensa produção musical, algumas partituras escritas por encomenda de D. João VI, o Padre José Maurício causou forte rejeição na Corte, por seu “defeito de cor”, sendo então substituído pelo Mestre Capela Marcos António da Fonseca Portugal, que trouxe na bagagem em 1811 “seus punhos e bofes de renda, com os seus sapatos de fivela de prata e as suas perucas empoadas, a sua ambição e a sua vaidade” na narrativa da sua biografia na Wikipedia.

Marcos Portugal, que também apresenta excelente produção, passa a ser o Preceptor Musical de D. Pedro, exercendo forte influência estilística sobre o aluno, o

que leva às controvérsias quanto a autoria de D. Pedro I em várias obras, haja vista que Marcos Portugal também assina partituras de mesmos hinos.

Entre os reconhecimentos díspares da verdadeira autoria das partituras, os partidários de D. Pedro argumentam que à época eram comuns os famosos “autógrafos”, não necessariamente do compositor, razão para constarem assinaturas do Preceptor.

No esforço de elucidar tais divergências a fundamentada obra de Pacheco e Pinto (3), de alta especialização na musicografia, distingue o topoi de cada uma delas, não deixando dúvidas quanto a importância de D. Pedro I, ainda que reconhecidamente influenciado por Marcos Portugal.

Pacheco e Pinto (*op cit*) dividem a obra de D. Pedro I em:

Primeiro - hinos festivos e de cerimoniais, aqui inclusas as obras eclesiásticas;

Segundo - hinos de propaganda político militar, estes muito utilizados nos locais de combates bélicos.

Excluíram da análise técnica o Hino da Maçonaria, composto por ocasião de sua elevação a Grão Mestre Geral da Ordem, por considerarem restrito, à época, ao núcleo hermético daquela instituição. Hoje, porém este está publicitado nas redes sociais, citando a autoria de D. Pedro I.

As partituras podem ser acessadas em várias plataformas. Algumas para orquestra e coro e outras para solo instrumental.

Há duas curiosidades na produção musical de D. Pedro:

Consta ter sido produzida uma “Sinfonia de D. Pedro”, como cita Trilha (2) .

“Em 1821, D. Leopoldina enviou para seu pai, Francisco I da Áustria, uma “Sinfonia e Te Deum” composto por D. Pedro: “Falando a verdade é um tanto teatral, que é defeito de meu Marido. Mas posso garantir que é escrito por ele mesmo, sem auxílio de ninguém” (in Cruz, 1986, p. 42)”.

A segunda é ainda mais curiosa. A famosa marcha Ituzaingó, que anuncia a chegada do Presidente da República Argentina:

Ituzaingó é propriedade, como despojo de guerra, da nação argentina, mas historiadores daquele País e do Uruguai reconhecem a alta probabilidade da autoria de D. Pedro I, como afirma o Diretor do Instituto de Musicologia de Montevideo (5 p.384-385).

Isso porque a partitura teria sido “recuperada” após um ataque de tropas da Argentina e a conseqüente debandada das brasileiras durante a famosa batalha Passo do Rosário, a maior ocorrida em solo brasileiro, no dia 20 de fevereiro de 1827, devido à revolta das Províncias Unidas do Rio da Prata contra o Império do Brasil, visando o controle de navegação no Rio da Prata, considerada estratégica e de suma importância para as rotas comerciais da época.

De um lado, tropas argentinas. Do outro, tropas brasileiras. Os argentinos levaram vantagem, e a marcha que estava na mochila de um soldado morto, mas não conseguiram dominar o território.

Desgastados pela guerra, o Império do Brasil e a República Argentina aceitaram um acordo de paz que incluiu a criação de um Estado Nação independente, dando origem à República Oriental do Uruguai, nas palavras do negociador inglês um “algodão entre cristais” .

Pela transcendência ideológica e beleza da composição Ituzaingó ela merece ser ouvida, seja de que lado for, lembrando-se sempre sua autoria.

É sabendo bem conviver que um povo se torna uma grande Nação. Nosso País não é apenas grande por sua extensão territorial, ou suas batalhas, vencidas ou não, mas principalmente pela generosidade do seu povo, que aqui recebe migrantes de todo o mundo, inclusive irmãos da América Latina.

Ituzaingó não separa. Essa marcha lindíssima une três países, hoje irmanados e em paz, descortinando juntos um porvir de bem comum.

Aplausos, reservemos todos, somente a D. Pedro de Alcântara de Bragança e Bourbon, além de Rei Soldado, um grande músico.

Referências:

(1) OBERACKER JR., Carlos H. A imperatriz Leopoldina: sua vida e sua época. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1973;

(2) TRILHA, Mário. A partitura na corte. In <https://inteligencia.insightnet.com.br/a-partitura-da-corte/> acesso em 15/12/2021;

(3) PACHECO José Vieira Pacheco, A., & Magno Pinto, R. (2014). Os hinos de D. Pedro I e Marcos Portugal: em busca de paradigmas. *Revista Música Hodie*, 13(2). <https://doi.org/10.5216/mh.v13i2.28014> acesso em 15/12/2021;

(4) <https://musicabrazilis.org.br/>

(5) LANGE, Francisco Curt. Os primeiros subministros musicais do Brasil para o Rio da Prata. A reciprocidade musical entre o Brasil e o Prata. A música nas ações Bélicas. (De 1750 até 1855, aproximadamente). Chalet Arapey: Punta del Este, 1975.